

FERREIRA GULLAR, RUA DOS PRAZERES, 497 – CIDADÃO DO MUNDO

Mas o artista verdadeiro resiste ao oportunismo do momento, não desiste da audácia de tentar fundar o permanente e criar o maravilhoso. (GULLAR, 2006, p. 45).

Prof. Me. Renato Marcelo Resgala Júnior*

renatoresgalajr@gmail.com

Acadêmico Carlos Alberto Moreira Dinucci Júnior**

dinuuccij@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta brevemente vida e obra do poeta Ferreira Gullar. Demonstra de que forma sua origem humilde contribuiu para a formação de uma personalidade sensível às mazelas sociais. Portanto, este artigo alude ao engajamento do poeta, à sua atuação política, à dureza do regime ditatorial e ao exílio. Revela, com brevidade, a magnitude alcançada pela escrita do maranhense que, por sua poesia, foi transportado da condição de menino pobre da Rua dos Prazeres à posição de cidadão do mundo.

Palavras-chave: Ferreira Gullar; Literatura; Memória; Cultura; História.

Sobre poesia e realidade

Neste artigo, propomo-nos a analisar determinadas relações dialógicas (história e literatura), a partir da poética de Ferreira Gullar e seu tempo de inserção cultural.

A coerente compreensão do texto literário transita pelo conhecimento do autor, em quem tem origem a obra. Nele, homem comum, feito artista, torna-se aquele que é capaz de interpretar a realidade, antes de tudo.

Sua tarefa: descrevê-la e, por vezes, confrontá-la, propondo sua contínua reinvenção. Segundo Michel FOUCAULT (2014, p. 26), “o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção

* Doutorando em Ciências da Educação – Universidade Americana (Assunção – PA). Mestre pelo Programa de Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura (UFSJ). Professor de Literatura Comparada, Teoria literária e Literatura Portuguesa do curso de Letras do Centro Universitário São José de Itaperuna.

** Graduando do Curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário São José de Itaperuna.

no real”. Instiga esta *persona*, a figura do escritor, que, estando sujeito ao seu tempo e às circunstâncias em que se inscreve, produz o singular.

Mesmo o fazer poético não é diferente – ofício envolvido por certa aura misteriosa; sendo inerente, à grande poesia, esta capacidade: trabalhar as emoções dos indivíduos.

O poeta, como qualquer outra pessoa, está sujeito às vicissitudes de seu tempo. A história e a sociedade, as questões econômicas incidem sobre ele, afetando sua produção. Refletindo ou refratando a realidade, a poesia revelará, com sensibilidade, questões relativas ao contexto em que foi redigida. Claro que, sob a pena de cada poeta, os fatos históricos que afetarão seus versos estarão em comunhão com a maneira daquele artista, particularmente, acreditar o mundo.

Para o poeta Ferreira Gullar,

[...] a poesia, como qualquer outro fenômeno social, está sujeita a determinações do espaço e do tempo históricos, mas o modo como essas determinações atuam sobre a produção do poema é absolutamente impossível prever-se. [...] as relações de causa e efeito se dão através de complexíssimas mediações, mas também devido à intervenção de um fator individual que é a personalidade do escritor. [...] quanto mais criadora for essa personalidade, menos passivamente se comportará [...] (GULLAR, 2006, pp. 157-158).

A contextualização da produção literária, como se percebe, não conduz para um unidimensionalismo estético – uma arte sintética, unívoca, posto que intransigente. Cada artista manifesta sua obra única por causa da ímpar formação de sua personalidade em seu contexto particular de inserção histórica. Fato incontestável, observável e, ao mesmo tempo, intrigante. A história e a sociedade, apesar de açambarcarem o autor, não são capazes de agrilhoar, não funcionam como moldes para sua arte. Esta seria, pois, a tal ‘libertação artística’. Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, por exemplo: amigos e contemporâneos produziram literaturas ricas, os dois; mas distintas, para longe de quaisquer, teorias ou paradigmas que as quisessem sufocar.

Este artigo considera a vida de Ferreira Gullar desde suas origens no Maranhão. Engaja-se com ele, passando brevemente pelo Centro Popular de Cultura (CPC)¹, alistando-se no Partido Comunista, chegando ao exílio e seu regresso, ao Brasil, para a maximização do reconhecimento merecido por sua

produção literária. Apesar dessa vida movimentada, sempre em trânsito, do poeta – desde a infância –, segundo Alfredo Bosi:

Há uma personalidade poética bastante coesa no interior da obra de Gullar, que, à força de dizer-se, acaba nos dando o sentimento vivo de um tom, a visão de uma paisagem estilística, a identidade de um rosto. (BOSI, 2003, 171).

A imprescindível leitura do poeta maranhense dará algum entendimento da força presente nessa obra. A paixão pelo Brasil, por seu povo; sua relação com o Maranhão apresentada na nostalgia de seus versos mais difíceis. A convivência mútua de todo seu percurso, nos acordes de sua poesia, apresenta ao seu leitor a história viva, que pulsa e sofre, que se indigna contra a opressão e a desigualdade social. Não se dará cabo, aqui, da potência vibrante que é a poesia de Ferreira Gullar. Não existe esta pretensão. Quer-se apenas deixar algumas noções acerca de seu trabalho e, quem sabe, remeter algum leitor aos seus livros, que isso é, de fato, o mais importante.

As origens de Gullar

Para descobrir os alicerces sobre os quais está posta a “personalidade poética” de Gullar, é preciso voltar no tempo. Até São Luís do Maranhão, à Rua dos Prazeres, 497 – casa de dona Alzira, à Rua do Coqueiro, de Afogados. À sua vida de nordestino, nascido numa casinha humilde; porta, janela e telhas velhas, ao lado de uma padaria em plena revolução de 1930. De seus “Primeiros anos”, diz o autor:

Para uma vida de merda
nasci em 1930
na Rua dos Prazeres

Nas tábuas velhas do assoalho
por onde me arrastei
conheci baratas formigas carregando espadas
caranguejeiras
que nada me ensinaram
exceto o terror” (GULLAR, 2008, p. 298).

Do meio da pobreza, Gullar dá seus passos iniciais em direção aos 85 anos, completados no dia dez de setembro deste ano (2015). De São Luís, que é “[...] a matriz do seu mundo poético [...]” (BOSI, 2010, p. 171), para a maturidade e a consagração. Da infância pobre na casa do quitandeiro Newton Ferreira, onde não havia livros, até sua expansão em poemas que conheceriam, mais tarde, o mundo. Acima, nos versos citados, o reflexo do desgosto que ao jovem Gullar causava a situação em que nascera e crescia: distante das possibilidades, pertencentes a um pequeno grupo da sociedade brasileira. Sociedade composta, *grosso modo*, por pessoas humildes para as quais muito pouco, ou nada, estava disponível.

Quando tinha 13 anos, José de Ribamar era, ainda, um refém de seu material de escola. Isso o levou, mais tarde a afirmar (2006, p. 147): “[...] pensava que todos os poetas já haviam morrido, e mesmo assim, entreguei-me entusiasticamente a esse ofício de defuntos”².

Ainda assim, foi uma resposta positiva a texto produzido na escola que despertou o pequeno Ferreira Gullar para a sua vocação literária, como conta Antônio Carlos Secchin:

[...] obtém nota 9,5 numa redação sobre o Dia do Trabalho, desenvolvendo a ideia de que exatamente nessa data ninguém trabalha. Para a nota máxima, faltou apenas meio ponto, retirado pela mestra devido a dois erros de português. Não obstante, a partir daquele momento, estimulado pelo entusiasmo que a professora manifestou pelo texto, José de Ribamar Ferreira começou a trilhar o caminho que o transformaria, poucos anos depois, em Ferreira Gullar (SECCHIN, 2014, p. 1).

Nos livros, José de Ribamar descobriu o mundo para além da sua Rua dos Prazeres. Passou, então, a se sentir um marginal, limitado por sua condição. Porque viveu esta realidade dura e excludente, fez-se simpático aos que, depois dele, viviam como escabelo do sistema. Sua infância e os obstáculos já nela enfrentados, iam, aos poucos, construindo o menino que logo se transformaria no artista envolvido com seu povo em suas lutas, como, de fato aconteceu.

Maturidade e Engajamento

Ferreira GULLAR (2006, p. 141) declara-se “[...] foragido e sobrevivente. Alguém que conseguiu escapar do anonimato, que vem do sofrimento menor da tragédia cotidiana e obscura [...]”. O poeta reconhece, em diversos versos, o passado de que escapou como lugar estranho, existência vazia de significação. Num poema, chama-o “Mundo sem voz, coisa opaca” (GULLAR, 2008, p. 237). Demonstra entender que outros estão, enquanto ele escreve, sujeitos a essa opacidade. Como ele, em sua infância escassa de recursos. Reféns do sistema, à margem da educação. Resultantes que são da exploração existem calados em seu estado de subvivência. Quer o poeta, vencedor do silêncio que oprime, fazer de seus versos voz dos que não têm voz. E explica: “[...] porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz” (GULLAR, 2006, p. 142).

Gullar, contudo, é mais que esse lirismo voz do povo. “Ao lado do poeta [...] convivem o dramaturgo, o ficcionista, o biógrafo, o cronista, o tradutor, o teórico e crítico de arte, o ensaísta, o artista plástico, o memorialista” (SECCHIN, 2014). De 1949, quando lança “Um pouco acima do chão” até os dias atuais, desfila seu brilhantismo e sua sensibilidade também na crônica, no teatro e nas artes plásticas. No decorrer das décadas de 50 e 60, engajou-se, participando ativamente do Centro Popular de Cultura (CPC), grupo ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE). Recusando a apatia, o poeta de origem humilde e de passado sem voz, entregava-se à missão de, por intermédio de sua escrita, contribuir para a equalização da sociedade. Em 1975 alcança, no “Poema Sujo”, o apogeu. Estava, então, limitado à Argentina; seu passaporte cancelado em todas as páginas. O exílio tornara-se tão violento que Ferreira Gullar decide visitar a infância. As privações do presente remetiam às pretéritas, como se estas fizessem as de outrora mero murmúrio de recordações, i.e., de tempos também difíceis, mas vividos no Maranhão, em sua pátria, junto dos seus. Pensando ser iminente sua morte, sua escrita é convulsiva: evoca o que passou e dissecou a condição do poeta e a situação em que se encontravam Brasil e América Latina. O texto é “reconhecido como obra ímpar da poesia brasileira do século XX” (SECCHIN, 2014). Fica evidente, nos versos abaixo de sua obra prima, a nostalgia do desterrado; que se refere ao passado duro, comparado ao presente desesperador, como lugar de esperança:

Num cofo no quintal na terra preta cresciam plantas e rosas

(como pode o perfume
Nascer assim?)
Da lama à beira das calçadas, da água dos esgotos cresciam
pés de tomate
Nos beirais das casas sobre as telhas cresciam capins
mais verdes que a esperança (GULLAR, 2008, p.
236).

Ferreira Gullar caminha para fora de si, vai além das conjecturas. Atua sua escrita em favor das classes oprimidas da sociedade brasileira e latino-americana. Karl Marx (1845), em suas “Teses sobre Feuerbach”, considerara essa necessidade de transcender as reflexões. Para o filósofo, o pensamento precisa materializar-se na *praxe*, a fim de que não se disperse na inutilidade. Afirmar: “Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se porém de modificá-lo” (MARX, 1999, p. 8). Envolvendo-se ativamente num processo de escrita alinhada a um engajamento literário, o poeta maranhense manifesta sua retórica poética; voltada para o diálogo com a condição social dos homens.

Os cordéis de Gullar são testemunhas de seu comprometimento social. Neles, o artista descarta o rebuscamento estético, abre mão do requinte para, na simplicidade, falar aos mais simples, aos desfavorecidos da terra. A mensagem é transmitida de forma direta, como se pode ver no trecho abaixo do poema “Quem matou Aparecida”:

No dia que a paciência
do favelado acabar,
que ele ganhar consciência
para se unir e lutar,
seu filho terá comida
e escola para estudar.
Terá água, terá roupa,
terá casa pra morar.
No dia que o favelado
resolver se libertar (GULLAR, 2008, p. 123).

Gullar, poeta de origem humilde, estava envolvido com a causa dos humildes. Sua voz, como a de outros grandes brasileiros (como a voz do eminente educador Paulo Freire), não se unia à daqueles que acreditavam no fatalismo da existência. A voz de Ferreira Gullar tinha (e tem) outra semântica. É a voz da insurgência, da luta,

da libertação tão necessária à forja da igualdade real, sobre a qual se estabelece, de fato, a muito sonhada democracia.

No tempo da Ditadura

Quando em primeiro de abril de 1964 a sede da UNE foi invadida e incendiada, o *cepecista* Gullar não era, ainda, membro do Partido Comunista. Dada a gravidade da circunstância, entende ser relevante fazê-lo. Assim, naquela noite primeira de regime militar, o poeta se alista. No poema “Maio 1964”, Ferreira Gullar reflete o mal que se abatera sobre o país com a assunção dos militares ao poder. Os atos institucionais sufocando a democracia, o autoritarismo, que impunha prisões sem o devido processo legal, a naturalização das injustiças, a marginalização dos trabalhadores; tudo em alguns poucos versos:

Amo

a vida
 que é cheia de crianças, de flores
 e mulheres, a vida,
esse direito de estar no mundo,
 ter dois pés e mãos, uma cara
 e a fome de tudo, a esperança.
Esse direito de todos
 que nenhum ato
 institucional ou constitucional
 pode cassar ou legar.

Mas quantos amigos presos!
 quantos em cárceres escuros
 onde a tarde fede a urina e terror.
Há muitas famílias sem rumo esta tarde
 nos subúrbios de ferro e gás
onde brinca irremida a infância da classe operária. (GULLAR, 2008, 169).

Em “Agosto 1964”, Gullar também faz alusão à ditadura militar. Considera a censura, que o afetava diretamente em seu ofício. A injustiça consubstanciada nas desigualdades, nas punições imerecidas e severas, nas humilhações e torturas; no terror imposto pelos generais.

Ao peso dos impostos o verso sufoca,
a poesia agora responde a inquérito policial-militar.

Digo adeus à ilusão
Mas não ao mundo. Mas não à vida,
Meu reduto e meu reino.
Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do terror,
retiramos algo e com ele construímos um artefato
um poema
uma bandeira (GULLAR, 2008, p. 170).

Vale notar que, diante do quadro imoral que se instalara, o poeta, mesmo abatido, mesmo sofrendo como os outros explorados do Brasil, preservava uma chama: o sonho de ver erguida uma pátria, de fato; onde a vida se equilibrasse numa balança fiel, que não pendesse para o lado dos abastados. Tentaram calá-lo ou, ao menos, podá-lo. Mas Gullar declara o caráter da poesia.

SUBVERSIVA

A poesia
quando chega
 não respeita nada.
Nem pai nem mãe.

Quando ela chega
de qualquer de seus abismos
desconhece o Estado e a Sociedade Civil
infringe o Código de Águas

 relincha
como puta
nova
em frente ao Palácio da Alvorada.

E só depois
reconsidera: beija
nos olhos os que ganham mal
embala no colo
os que têm sede de felicidade
e de justiça

E promete incendiar o país (GULLAR, 2008, p. 337).

Nos tempos mais difíceis, o poeta pôs-se ao lado do povo brasileiro. Declarou-se mais um lutando contra a opressão, contra o suplício, contra o pau de arara, contra o choque elétrico. Foi uma voz que falava pelos seus, que não admitia calar-

se. Gullar, que se tornara já um erudito, de livros já publicados e reconhecidos pela crítica, homem do mundo, reconhecia sua brasilidade, seu compromisso de igual com o sua gente.

Gullar recente e atualmente

Nestes últimos anos, restaurada a democracia, pelo conjunto de sua obra, Gullar alcançou reconhecimento ainda maior de seus pares, estudiosos e leitores. “De Ferreira Gullar pôde escrever Vinícius de Moraes que é o último grande poeta brasileiro” (HOLANDA, 2008). O poeta recebe o Prêmio Machado de Assis, em 2005; o título de Doutor *Honoris Causa* (UFRJ) e o Prêmio Camões em 2010; em 2014 é eleito para assumir a cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo Ivan Junqueira (SECCHIN, 2014). Segundo o escritor e professor Augusto Sérgio Bastos,

Sua obra, ao longo dos últimos cinquenta anos, se alçou a um patamar de excelência raras vezes alcançado na língua portuguesa. [...] Confirma essa consagração uma pesquisa realizada junto a cerca de 100 intelectuais brasileiros em fins da década de 1990, onde Gullar foi apontado como o mais importante poeta vivo do país, com mais de 70% de indicações. [...] seus livros de poemas, traduzidos e editados em muitos países a partir de 1965: Suíça, Venezuela, Argentina, Equador, Alemanha, Peru, Estados Unidos, Espanha, Colômbia, México, Cuba, Holanda, França e Suécia (BASTOS, 2008, pp. 7, 8).

Além disso, pela excelência de seu trabalho que sempre falou em favor da humanidade, o poeta foi indicado duas vezes para receber o Prêmio Nobel. Concorreu em 2002 e, recentemente, em 2011. “Indiscutivelmente, o Prêmio Nobel é o maior galardão internacional na área de Química, Física, Fisiologia e Medicina, Paz, Economia e Literatura” (SOERENSEN *et al*, 2004, p. 18). Ter o nome lembrado para premiação de tamanho vulto internacional é algo que denuncia a grandeza do escritor maranhense.

Considerações Finais

Sobre o ofício literário, Machado de Assis, num tempo em que o sentimento de nacionalidade vibrante percorria as ruas, já afirmara: “O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1994, p. 3). Ferreira Gullar, sem sombra de dúvida, tem a bênção do maior escritor brasileiro de todos os tempos. A maneira de entender o Brasil e a preocupação em transformá-lo colocam-no ao lado dele.

As dificuldades enfrentadas por José de Ribamar Ferreira por certo contribuíram para que ele se tornasse um homem sensível aos outros. Seus versos remetem à sua condição original, vencida por sua leitura e por sua literatura. Sua escrita atesta seu envolvimento com a sociedade brasileira, com as pessoas de sua época; seu íntimo desejo de ver surgir, da minimização das desigualdades, um mundo mais justo. Em um ensaio, pontua:

[...] pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer. Uma luz que não nos é dada, que não nasce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens (GULLAR, 2006, p. 152).

Ferreira Gullar, homem de passado humilde, fez-se sensível às mazelas sociais, às injustiças que, estando em toda parte – na infância, na perseguição, no exílio – falam em sua escrita. Sua origem e as condições às quais foi exposto contribuíram, indiscutivelmente, para que sua poesia alcançasse a magnitude que, como visto neste breve artigo, alcançou. Muito vale debruçar-se sobre sua obra. Sobretudo sobre seus versos que, mais que ensinar história, fazem senti-la da maneira adequada: como gente. Sob a ótica humana do poeta que a apreendeu.

Notas

1 - “Foi constituído em 1962 no Rio de Janeiro, então estado da Guanabara, por um grupo de intelectuais de esquerda em associação com a União Nacional dos Estudantes (UNE), com o objetivo de criar e divulgar uma arte popular revolucionária’.”

Disponível

em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Centro_Popular_de_Cultura>.

2 - Abre-se, aqui, este parêntese para dizer desse absurdo que é o conteúdo de muitos livros didáticos: geralmente remetendo, apenas, a autores distantes, no tempo e no espaço, da realidade dos estudantes aos quais deve servir. A obra de Ferreira Gullar é contemporânea e atual; no entanto, pouco discutida – até mesmo, lida – pelos próprios professores de literatura.

Referências

ASSIS, Machado de. **Notícia Atual da Literatura Brasileira**: instinto de nacionalidade. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>>.

BASTOS, Augusto Sérgio. **Itinerário do Cronista**. In: Toda Poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BOSI, Alfredo. **Céu Inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Editora 34, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GULLAR, Ferreira. **Sobre arte Sobre Poesia**: (uma luz do chão). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____, Ferreira. **Toda Poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Apresentação**. In: Toda Poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Edição Eletrônica: Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/feuerbach.pdf>>.

SECCHIN, Antônio Carlos. **Essa voz somos nós**: discurso de recepção ao acadêmico Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>.

SOERENSEN, Bruno *et AL*. **Cem Anos Pela Estrada do Progresso**: um século de Prêmio Nobel. Adamantina: Edições Omnia, 2004. Disponível em: <http://www.fai.com.br/porta/_arquivos/_itens_home/f4d68c485f4a430cea6dcee295a9a36a.pdf>.